

SOU SURDO(A), SOU LGBTI+ E AGORA? RELAÇÕES DE PODER E AS INTERSECCIONALIDADES NA COMUNIDADE SURDA

José Francisco Duran Vieira¹; Madalena Klein²

¹Universidade Federal de Pelotas – jf.duran1963@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa de doutorado, produzida na Linha Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS. Foca-se na questão de como a Comunidade Surda da cidade de Pelotas/RS e as pessoas Surdas LGBTI+ se interseccionam enquanto diferenças diante do colonialismo cisheteronormativo em que estão inseridas e atravessadas, historicamente, por lutas e reivindicações no reconhecimento de suas alteridades oprimidas e normatizadas pelo sistema-heterossexista/capacitista. O objetivo principal foi analisar como as pessoas surdas LGBTI+ e suas representações transitam na Comunidade Surda e como se articula a interseccionalidade no âmbito do sistema-heterossexista/capacitista nessa relação. Com base nesta questão, alinhou-se os seguintes objetivos específicos: entender que estratégias e representações são estabelecidas através do fluxo de corpos surdos divergentes ao sistema-heterossexista/capacitista no interior da própria diferença que a Comunidade Surda representa; compreender de que forma a interseccionalidade se manifesta através do sistema-heterossexista/capacitista entre pessoas surdas LGBTI+ e a Comunidade Surda; e problematizar os conflitos gerados entre colonizado e colonizador em uma mesma comunidade subalterna. A pesquisa demonstra a necessidade de discutir os reflexos das opressões históricas sofridas pela Comunidade Surda para além do colonialismo ouvintista, as quais reverberaram, inclusive, na dificuldade de perceber outras múltiplas marcas identitárias que a interseccionam. Em decorrência disso, outros corpos surdos imprimem tensão e estranhamento, não somente, na comunidade, mas nas famílias, na escola e na associação que frequentam. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa também convida a refletir sobre a rigidez epistêmica que aprofunda o abismo colonial que os circundam.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa está embasada em uma proposta metodológica decolonial, fomentada pela perspectiva da Epistemologia do Sul (SANTOS, 2019), na qual realizei um transcurso como pesquisador artesão, de forma a realizar uma investigação pautada no compartilhamento de “experiências-com” e de produção de “conhecimentos-na-luta” que se entrecruzam por minha trajetória e pelas trajetórias das oito pessoas surdas LGBTI+ que compõem esta Tese. Para viabilizar e partilhar essa rede mútua de produção de saberes científicos, utilizei a Conversa como Metodologia de Pesquisa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), em que suas narrativas sinalizadas em Libras – Língua Brasileira de Sinais – são respeitadas em sua diferença, numa relação ética e de horizontalidade. Dessa forma, as pessoas

surdas LGBTI+ relatam suas experiências e as implicações na construção de suas identidades sexuais no interior de uma comunidade já subversiva. Para a materialidade analítica busquei estabelecer um aporte teórico pela perspectiva epistêmica que se volta ao giro decolonial (NETO, 2016) que concentra e relaciona criticamente os Estudos Surdos com a guinada dos estudos *queer*, das teorias transfeministas e, principalmente, pelas interseccionalidades implícitas entre deficiência, corpo, gênero, homo/transsexualidade, questões raciais, capacitismo compulsório e pessoas surdas diante do abismo abissal desse sistema opressor que enclausura e rouba a vida dessas pessoas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o transcurso da realização da pesquisa, percebeu-se que a própria Teoria *Queer* anda perturbada. O invólucro nem sempre quebradiço dessa teoria vem tendo um efeito reverso, distanciando-se da pluriversidade de corpos abjetos, de seu lugar cuja origem é rebelde, *sucia*, libertina. Uma Teoria *Queer* que fosse capaz de ir além de um cishomonacionalismo, rompendo com as lições do racismo epistêmico euronortecêntrico que nos constitui e que ainda fascina a América Latina. Mas, sobretudo, por ainda não reconhecer-se como uma teoria que coabita o capacitismo. Falar sobre sexo, sexualidade e gênero já é bastante complexo para pessoas cisheterossexuais ouvintes, principalmente, no contexto familiar, seja por um adolescente ou pessoa adulta, imaginar essa situação em um contexto que envolve corpos com deficiência e usuários de outra língua – no caso das pessoas surdas, filhas de pai e mãe ouvintes que, muitas vezes, não têm fluência em Libras –, torna-se, praticamente, um duplo empecilho na promoção preliminar ao diálogo. É imprescindível que tomem para si o que nunca lhes deveria ter sido sequestrado: sua identidade, sua cultura, sua sexualidade e sua libido.

4. CONCLUSÕES

O cis-tema-heteronormativo é muito mais complexo e opressor do que se possa imaginar. Principalmente, quando falamos em corpos com deficiência numa sociedade capitalista/patriarcal e, extremamente, capacitista. A colonialidade de poder/ser/saber a corpos com deficiência e que se expressam em outra língua ainda carece de muitos estudos e pesquisas. Impregnada pelo colonialismo ouvintista, a Comunidade Surda precisa aprofundar-se no questionamento das heranças sociais e preconceituosas que também a atingem. A Teoria *Queer/Crip* (McRUER, 2021) e o movimento do feminismo negro e do transfeminismo, atravessados pelos questionamentos do Giro Decolonial, não podem deixar essas discussões de fora. Por isso, a relevância desta pesquisa para a Comunidade Surda, principalmente para as pessoas surdas LGBTI+, pois em decorrência da comunidade abarcar questões de experiências a partir da escola de surdos, do bilinguismo, da Língua de Sinais – aliás, muito pertinentes – fez com que ocorresse um certo apagamento das outras marcas identitárias que a interseccionam e que poderiam, muito bem, somar-se concomitantemente às lutas pela quais a Comunidade Surda tanto almeja e que tem conquistado espaço: o respeito às diferenças. Dessa forma, eis o desafio de abraçar o ato de exercitar na práxis e na teoria, ações que oportunizem nos descolonizar e reconhecermos outros tantos “conhecimentos-na-luta”, importantes e potentes para desacomodar os possíveis enrijecimentos epistemológicos na guinada ao *Sur*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

McRUER, Robert. **Teoría Crip**: signos culturales de lo *queer* y de la discapacidad. Madrid: Kaótica, 2021.

NETO, João C. M. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borba. Curitiba: CRV, 2016.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.